

Questão 31

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.”

Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico; diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembra-mo-nos, entretanto, com saudade hipócrita dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora, e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas. Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças, a atualidade é uma. Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo – a paisagem é a mesma de cada lado, beirando a estrada da vida.

Eu tinha onze anos.

Frequentara como externo, durante alguns meses, uma escola familiar do Caminho Novo, onde algumas senhoras inglesas, sob a direção do pai, distribuíam educação à infância como melhor lhes parecia. Entrava às nove horas timidamente, ignorando as lições com a maior regularidade, e bocejava até às duas, torcendo-me de insipidez sobre os carcomidos bancos que o colégio comprara, de pinho e usados, lustrosos do contato da malandragem de não sei quantas gerações de pequenos. Ao meio-dia, davam-nos pão com manteiga. Esta recordação gulosa é o que mais pronunciadamente me ficou dos meses de externato; com a lembrança de alguns companheiros – um que gostava de fazer rir à aula, espécie interessante de mono louro, arrepiado, vivendo a morder, nas costas da mão esquerda, uma protuberância calosa que tinha; outro adamado, elegante, sempre retirado, que vinha à escola de branco, engomadinho e radioso, fechada a blusa em diagonal do ombro à cinta por botões de madrepérola. Mais ainda: a primeira vez que ouvi certa injúria crespa, um palavrão cercado de terror no estabelecimento, que os partistas denunciavam às mestras por duas iniciais como em monograma.

Lecionou-me depois um professor em domicílio.

Apesar deste ensaio da vida escolar a que me sujeitou a família, antes da verdadeira provação, eu estava perfeitamente virgem para as sensações novas da nova fase. O internato! Destacada do conchego placentário da dieta caseira, vinha próximo o momento de se definir a minha individualidade.

(O Ateneu, 1999.)

- a) Que relação o narrador estabelece entre a vida familiar e a vida no internato? Justifique sua resposta.
- b) Por que razão o narrador chama de “eufemismo” os “felizes tempos”?

RESPOSTA

- a) Ao contrário do que se espera a partir da leitura do primeiro parágrafo, em que o pai, através da fala “*Vais encontrar o mundo*”, cria uma expectativa de mudança entre a vida anterior e posterior. A relação estabelecida pelo autor é de comparação, mostrando que, apesar das diferenças existentes entre a vida familiar e a vida no internato, os sentimentos que o perpassam são muitos semelhantes.

A partir da leitura do primeiro parágrafo, encontramos, através da comparação estabelecida, uma ideia de que o ambiente familiar era marcado por cuidados, mantendo o personagem em uma “estufa de carinho”. Contrapondo-se a esse ambiente, o internato proporciona outras experiências. Encontramos um clima rigoroso que, apesar de ser oposto ao vivenciado no seio familiar, provoca na personagem uma “saudade hipócrita”.

Podemos considerar os seguintes trechos que justificam essa percepção: “Eufemismos, os felizes tempos, eufemismos apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a dualidade a mesma em todas as datas...”

- b) Considerando que o eufemismo é uma figura de linguagem que tem como objetivo suavizar uma palavra ou expressão, podemos afirmar, que ao chamar os “felizes tempos” de eufemismo, o autor tem a intenção de reforçar as experiências do passado como elementos construtivos de sua identidade atual.